

As representações femininas e a maternidade nas telenovelas *Travessia* e *Todas as Flores*.¹

Marlúcia Mendes da ROCHA²
Diego Fernandes LIMA³
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a análise e comparação das representações femininas nas telenovelas *Travessia* (2022) da autora Glória Perez e *Todas as Flores* (2022) do autor João Emanuel Carneiro, ambas produzidas pela Rede Globo de Televisão. A partir da narrativa teledramatúrgica, propõe-se a entender o lugar das personagens femininas das obras em questão e como são representadas, seus respectivos papéis relacionados à maternidade e à maternagem, traçando um perfil de cada personagem e usando como aporte teórico Badinter (1985) e Butler (2021).

PALAVRAS-CHAVE: Dramaturgia; relações de gênero; maternidade; maternagem.

Introdução

A televisão forma opiniões e as narrativas contadas nas telenovelas servem para representar, gerar debate e servir de exemplo para o receptor, sendo assim, tendo uma audiência composta por maioria feminina, é natural que o corpo feminino seja o foco da narrativa representando o imaginário da mulher brasileira. O objetivo é entender como são expostas as personagens femininas e como lidam com a maternidade e a maternagem nas novelas *Travessia* e *Todas as Flores*, ambas de 2022.

O século XX foi palco do movimento feminista e do questionamento sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal. O modelo antes consolidado e dominado por homens, não só tratava a mulher como um objeto e um corpo estritamente sexual, como também impunha à mulher o papel de ser mãe e ter sido criada “biologicamente” para ter filhos e tomar conta deles. No entanto, com o feminismo, a divisão entre sexo e gênero se rompe.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT – Estudos de Televisão e Televisualidades - evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Orientadora de Iniciação Científica – Profª Titular, Drª em Comunicação e Semiótica – PUC/SP

³ Graduando de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet; Orientando de Iniciação Científica

O objeto de análise desta pesquisa visa confrontar as personagens mães quando simbolizadas em um universo doméstico, familiar, econômico e profissional nas ficções em questão. O aporte metodológico empregado é a análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Estruturalmente, em um viés feminista, pode-se reconhecer que o gênero é uma formulação social e o sexo é parte da natureza humana. Essa condição entra em xeque e é questionada por Butler (1990, p.25) quando afirma: “Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. (...)”. Não havendo distinção entre sexo e gênero, o campo discursivo e cultural ao qual o gênero e o sexo fazem parte, torna-se o mesmo. Ademais, é importante pontuar que o rompimento como essencialismo é uma constante dentro das pautas do movimento feminista. Desde o início, a liberdade da mulher, que não deve ser definida a partir da construção biológica, é uma das discussões centrais do feminismo.

A anterior perspectiva patriarcal, que imperava e tratava o objetivo da mulher puramente como “biológico”, criou uma conjuntura social onde o idealismo se alastrava, assim construiu-se o chamado mito do amor materno, de acordo com Badinter (1985). Outra questão importante para essa conjuntura são crenças e costumes ligados à cultura da sociedade ocidental que toma a mulher como um ser “biologicamente” feito para ter filhos, sendo que o desejo ou não de ter filhos, a relação afetuosa ou não, são também construções socioculturais, dependentes de muitas outras questões como, por exemplo, a condição financeira. A participação ativa na vida dos filhos também é determinada pela parte econômica da vida de quem os cria, tendo em vista a atual inserção da mulher no mercado de trabalho. Além disso, o papel paterno na criação dos filhos é pouco citada, sendo algo “exclusivamente” feminino, não à-toa podemos observar ainda no mundo contemporâneo tantas crianças criadas sem pai ou com pouca presença paterna.

No Brasil, o espaço da teledramaturgia é formado por diferentes composições histórico-sociais, demonstrando diferentes aspectos da cultura brasileira. Dessa maneira, tal qual a própria cultura nacional, elementos díspares se misturam dentro da narrativa teledramatúrgica formando algo diferente, como um exemplo da mestiçagem cultural estudada por Laplantine e Nouss (2016), tendo como principal objetivo entreter e persuadir aquele que recebe a mensagem. Assim, fica evidente que a telenovela não só serve como entretenimento mas também como interferência na percepção do espectador e serve de representação cultural dos costumes, hábitos e crenças de uma sociedade. Dessa forma, analisar a maneira como a mulher é representada na telenovela, e também como as personagens femininas em questão se

relacionam com a maternidade é o que se propõe, usando como base as novelas *Travessia* (2022) escrita por Glória Perez, com direção geral de André Barros e direção artística de Mauro Mendonça Filho, e *Todas as Flores* (2022) escrita por João Emanuel Carneiro, com colaboração de Vincent Villari, Eliane Garcia e Daisy Chaves, direção de Luiz Antônio Pilar, Carla Bohler, Fellipe Gamarano Barbosa, Guilherme Azevedo, Noa Bressane e Oscar Francisco, sob a direção artística de Carlos Araújo.

Análise das personagens

Em *Travessia*, a trama principal da telenovela segue a história das personagens: Brisa (Lucy Alves), Chiara (Jade Picon), Guida (Alessandra Negrini), Leonor (Vanessa Giácomo), Núbia (Drica Moraes) e Cidália (Cássia Kiss). Tais personagens representam, cada uma de sua forma, mulheres na sociedade contemporânea e demonstram maneiras distintas de lidar com a maternidade e a maternagem. ela é confundida com uma sequestradora de bebês devido a uma foto falsa e passa a ser perseguida.

O amor materno demonstrado por Brisa faz com que ela sofra muito quando seu filho é entregue ao pai por decisão judicial, tudo que quer é estar perto da criança e cuidar dela. Dessa forma, fica claro como Brisa é uma personagem que aceita, quer, gosta da maternidade e do fato de ser mãe. Já, Núbia, mãe de Ari (Chay Suede), mostra-se bastante superprotetora e manipuladora. Badinter (1985, p.244) diz: “[...] A mãe permanece a principal dispensadora de amor (...). Amamentar, dar banho e comida, vigiar os primeiros passos, (...). São gestos de amor e devotamento, mas são também sacrifícios que a mãe faz pelo filho.”

Chiara jamais passou dificuldades na vida. Na trama, é uma personagem fútil e mimada, não teve uma figura feminina em sua vida, já que sua mãe faleceu no parto e ela foi criada unicamente por seu pai, dessa maneira, Guerra (Humberto Martins) que ocupou o papel materno para Chiara, indo em direção contrária ao que a autora Badinter observa na sociedade. Além disso, mais a frente na narrativa, Chiara acaba engravidando de Ari mas se nega à maternagem, ela não deseja ser mãe e pretende doar a criança, ação que se choca com a vontade de Ari, pai biológico da criança, que deseja criar seu filho, diferente de Chiara que rejeita não só a maternidade como a maternagem.

Guida é apresentada como uma mulher egoísta, que valoriza a riqueza e não as pessoas ao seu redor. Durante a trama, relaciona-se com homens por puro interesse individual e material, chegando a ser noiva de Moretti (Rodrigo Lombardi), personagem que já havia traído e magoado sua irmã de Guida. Além de tudo, a personagem não demonstra muita afeição em

relação ao seu próprio filho, Rudá (Guilherme Cabral), ela pouco convive com o filho e é uma mãe distante, que se afasta da maternagem.

Cidália é uma figura feminina quase insensível, uma mulher que vive pelo e para o trabalho e dos êxitos laborais da empresa em que trabalha. Zela pela vida de seu chefe Guerra e o auxilia em relação a sua filha Chiara. A personagem não passa disso, parece ter afeto unicamente pelo escritório e pela empresa, não se demonstrando passível a relacionamentos que vão além disso, servindo como uma fiel escudeira do seu superior.

A telenovela *Todas as Flores* foi primeiramente exibida através do *Globoplay*, serviço de *streaming* da Rede Globo de Televisão, tendo 85 capítulos no total. A trama segue a personagem Maíra, uma mulher com deficiência visual que mora com seu pai no interior e sempre acreditou que sua mãe estava morta. *Todas as Flores* tem seu foco em torno, principalmente, de quatro personagens: Maíra (Sophie Charlotte), Zoé (Regina Casé), Vanessa (Letícia Colin), Judite (Mariana Nunes), Mauritânia (Talita Carauta) e Brenda (Heloisa Honein), mulheres que, cada uma a seu modo, trazem discussão sobre o papel da maternidade.

Aspecto relevante a ser tratado é a relação maternal da personagem Maíra, originalmente, sua figura materna era seu pai Rivaldo (Chico Díaz), com a morte dele e a entrada de Zoé, sua mãe biológica, em sua vida, ela leva um pouco de tempo até estreitar laços com a mãe e ter uma relação de fato afetuosa, fato esse que começa a mudar a própria personagem Zoé. Outrossim, Maíra também se mostra uma figura materna afetuosa e que deseja estar próxima de seu filho para poder criá-lo, algo que ela própria não teve. A relação materna que se cria entre ela e Maíra é capaz de gerar mudanças na personalidade e no caráter da personagem em questão.

Vanessa é evidentemente uma das principais vilãs da trama de *Todas as Flores*, ela é uma figura egoísta, egocêntrica e que pensa quase que unicamente em si mesma. Fazendo um papel de oposição a Maíra, nunca desejou ser mãe e usa a maternidade como forma de se capitalizar financeiramente e ter poder.

A figura de Judite, quando se trata de maternidade e maternagem, é bastante interessante de se analisar, já que a trama mostra que Judite foi mãe solteira e criou seu filho Pablo (Caio Castro) sozinha, o que, em tese, vai contra a conjuntura social defasada do patriarcado que domina a sociedade, ao criar seu filho sem o auxílio paterno - realidade de muitas mulheres no Brasil -, Judite corrobora com a construção de pensamento de Butler quando ela diz que "a lei patriarcal não é universalmente válida e determinante de tudo." (Butler, 1990, p.75). Dessa

maneira, a personagem demonstra que o papel materno é capaz e tem total força para romper com as convenções sociais, submissões e a conjuntura do ideário de família tradicional para o modelo patriarcal.

Mauritânia é uma personagem também complexa, ela é representada como uma mulher forte, sofrida, obstinada, certa de seus objetivos e esperta. A trajetória da personagem passa pelo fato dela ser, no início da trama, uma ex-atriz pornográfica e prostituída, por ter sido expulsa de casa por sua mãe, tendo que abandonar sua filha Brenda. Ao tentar a reaproximação com a família, não só sua mãe mas também Brenda a rejeitam inicialmente, não importando a questão financeira mas a vergonha do passado que fala mais alto. É necessário trazer à tona no contexto da figura de Mauritânia, o pensamento de Badinter que comenta que a dificuldade e a “preferência” pelo caminho profissional em detrimento da criação dos filhos, não deve tornar a mãe desnaturada (Badinter, 1985), afinal, nesse caso específico não foi sequer uma escolha tomada verdadeiramente, mas sim um reflexo não só das dificuldades existentes no universo capitalista mas também um exemplo do que acontece na condição de uma sociedade tomada por uma visão patriarcal.

Considerações finais

É importante mostrar a diferença entre os conceitos de Maternidade (condição de ser mãe, laço de parentesco que une mãe e filho, exclusividade da condição da mulher) e de Maternagem (ser maternal, afetuoso, dedicado e carinhoso). A maternidade é característica exclusivamente feminina de consequências físico-biológicas e a maternagem é uma escolha pessoal, um desejo do sujeito de exercer a função de mãe, que independe da questão de gênero. A relação de mães e filhos nas trajetórias das personagens nas obras em questão delineou o aspecto sociocultural e econômico de envolvimento entre os parentes consanguíneos e “adotados” pela conveniência financeira ou afetiva.

O jogo social que determinava uma mãe modelo, dedicada ao lar e aos filhos é burlado pelas personagens que sempre escapam à dinâmica essencialista materna, embora apresentem breves retornos de compensação pela ausência do papel que lhes designaram: ser mãe. Tais personagens confirmaram e exemplificaram a desnaturalização da relação materna em que o ter filhos torna-se e se reafirma como uma escolha, e amar os filhos, ou não, é consequência de construções socioculturais e não de dados biológicos.

No decorrer da análise pode-se perceber que as figuras femininas são centrais e possuem extrema relevância nas obras em questão, além disso, as relações maternas

representadas nas narrativas possuem suas particularidades, retratando relações afetivas ou não mas que servem para demonstrar também o valor simbólico que existe ligado ao amor materno. Em alguns dos casos analisados, há um escape do essencialismo da maternidade, embora seja importante salientar a diferença entre maternidade e maternagem, já que a maternidade é exclusiva da condição feminina de forma biológica, enquanto a maternagem seria uma escolha individual da pessoa, não passando necessariamente pelo gênero em si, mas sim pelo ato de cuidar, criar e ter afeto.

Outrossim, a telenovela passa pela representação de tipos e do entorno cotidiano do espectador na sociedade, dessa maneira, essas narrativas ficcionais em análise retratam, de formas diversas, a figura feminina no ambiente social e as relações maternas, servindo não só como uma janela para que o público observe histórias verossímeis, mas também como espelhamento crítico da realidade social, em que o próprio espectador se reflete através de costumes e comportamentos na narrativa contada.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad.: Waltensir Dutra. RJ: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** - Feminismo e subversão da identidade. Trad.: Renato Aguiar. RJ: Civilização Brasileira, 2021.

LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. **A mestiçagem**. Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

Globoplay. Travessia. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/travessia/t/Yzcdp2gzxJ/> Com acesso em: 10/01/2024

Globoplay. Todas as Flores. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/todas-as-flores/t/pp7sN9wfdb/> Acesso em: 10/01/2024

Gshow. Travessia. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/travessia/> Acesso em: 10/01/2024

Gshow. Todas as Flores. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/todas-as-flores/> Com acesso em: 10/01/2024